



**TROPA DE
ELITE 2**

O INIMIGO AGORA É OUTRO

TROPA DE ELITE 2

O inimigo agora é outro

Produção: **Zazen Produções**
Coprodução: **Globo Filmes**
Distribuição: **Zazen Produções**
Brasil – 116 min – 35 mm - cor - 2010

elenco

Wagner Moura – **Nascimento**
Irandhir Santos – **Fraga**
André Ramiro – **Mathias**
Pedro Van Held – **Rafael**
Maria Ribeiro – **Rosane**
Sandro Rocha – **Russo**
Milhem Cortaz – **Fábio**
Tainá Müller – **Clara**
Seu Jorge – **Beirada**
André Mattos – **Fortunato**
Fabrício Boliveira – **Marreco**
Emílio Orcillo Netto – **Valmir**
Jovem Cerebral – **Braço**
Bruno D'Elia – **Azevedo**



ficha técnica

Direção: **José Padilha**
Roteiro: **José Padilha e Bráulio Mantovani**
Argumento: **José Padilha, Bráulio Mantovani e Rodrigo Pimentel**
Produção: **José Padilha e Marcos Prado**
Produção Executiva: **James D'Arcy e Leonardo Edde**
Direção de Produção: **Katiuscha Melo e Edu Pacheco**
Preparação de Elenco: **Fátima Toledo**
Direção de Fotografia e Câmera: **Lula Carvalho**
Direção de Arte: **Tiago Marques Teixeira**
Figurino: **Claudia Kopke**
Maquiagem: **Martin Macías Trujillo**
Efeitos Especiais: **Bruno Van Zeebroeck, Keith Woulard, Rene Diamante e William Boggs**
Som direto: **Leandro Lima**
Montagem: **Daniel Rezende**
Edição de som: **Alessandro Laroca**
Mixagem: **Armando Torres Jr.**
Trilha sonora: **Pedro Bromfman**
Empresa produtora: **Zazen Produções Audiovisuais LTDA**
Coprodutores: **Wagner Moura e Bráulio Mantovani**
Coprodução: **Globo Filmes, Feijão Filmes e RioFilme**
Patrocínio: **Claro, Net, CSN, Brahma, Riachuelo, Samsung, Unimed, Cinpal, Hotéis Marina, Rede D'OR e Governo do Estado do RJ**
Apoio: **ANCINE, Prefeitura do RJ, Pólo Cinematográfico de Paulínia e Telecine**
Assessoria de Imprensa e Redes Sociais: **Belém Com**



a história

O personagem mais popular do cinema nacional desde a Retomada volta às telas de cinemas em 8 de outubro. Agora mais maduro, mais estratégico e mais solitário, o Coronel Nascimento dá ao BOPE estrutura e força. Afasta o tráfico de muitas favelas. Impede que os policiais corruptos faturem com o arrego do tráfico, apenas para descobrir que na segurança pública do Rio de Janeiro nada é o que parece, e que o problema a ser enfrentado não se restringe ao tráfico. O buraco é bem mais em baixo.

O destino da cidade e de Nascimento se cruzam em “Tropa de Elite 2 – O inimigo agora é outro”. A partir de pesquisas intensas, o diretor José Padilha e o roteirista Bráulio Mantovani construíram uma história atual, baseada em fatos reais que se misturam a história fictícia de Nascimento, da sua família, e de seus amigos, para falar da realidade do Brasil através do cinema.

Para enfrentar o desafio e apresentar ao público uma história tão envolvente quanto “Tropa de Elite”, Padilha e o produtor Marcos Prado contaram praticamente com a mesma equipe e o mesmo elenco do primeiro filme. Uma equipe integrada, que retomou com afinco e dedicação o desafio de continuar uma saga, e um personagem, que marcaram o cinema brasileiro para sempre.

Em Tropa de Elite 2, o sistema se reinventa e descobre como lucrar sem o intermédio do tráfico. Em perseguição ao caminho trilhado pelo sistema, o público acompanha Nascimento indo além dos limites do quartel, revelando as ligações das milícias com o Estado. E o preço por essa descoberta é alto. Não se sabe de onde vem o tiro.

TROPA DE ELITE será lançado nacionalmente no dia 8 de outubro.

sinopse

TROPA DE ELITE 2 – Drama, Brasil 2010 – 116 minutos. Wagner Moura retoma o personagem mais marcante de sua carreira, o capitão Nascimento, na sequência de Tropa de Elite, filme também dirigido por José Padilha, ganhador do Urso de Ouro no Festival de Berlin, 2008. Nascimento, dez anos mais velho, cresce na carreira: passa a ser comandante geral do BOPE, e depois Sub Secretário de Inteligência. Em suas novas funções, Nascimento faz o BOPE crescer e coloca o tráfico de drogas de joelhos, mas não percebe que ao fazê-lo, está ajudando aos seus verdadeiros inimigos: policiais e políticos corruptos, com interesses eleitoreiros. Agora, os inimigos de Nascimento, são bem mais perigosos.

tijolinho

TROPA DE ELITE 2. De José Padilha (Brasil, 2010). Com Wagner Moura, Irandhir Santos, Pedro Van Held, André Ramiro, Milhem Cortaz, Maria Ribeiro e Tainá Müller. **Drama.** Rio de Janeiro, 2010. Mais maduro, Nascimento descerá aos infernos quando suas obrigações de pai se chocarem com as de policial. Agora o inimigo é outro.



a produção

Oriundos do documentário, Padilha e Prado gostam de imprimir na tela o máximo de realidade possível. Uma equipe de efeitos especiais, com nomes de peso em Hollywood, como Bruno Van Zeebroek, de “Transformers”, William Boggs, de “Homem-aranha”, e Keith Woulard, de “O Curioso Caso de Benjamin Button”, “Independence Day” e “Forrest Gump”, foi importada diretamente para o set de *Tropa 2* a fim de dar maior veracidade às inúmeras reviravoltas de ação do filme. O presídio de Bangu 1 foi reconstruído em seus mínimos detalhes num estúdio de mil metros quadrados, consumindo cerca de 15% do orçamento. Corpos carbonizados foram criados pelo mestre da maquiagem Martin Trujillo. Câmeras foram penduradas em cordas para dar maior proximidade e ineditismo à marcante fotografia de Lula Carvalho. Um andar inteiro de um nobre edifício na Presidente Vargas voltou a ser sede da Secretaria de Segurança Pública do Estado. E um grande trabalho de pesquisa, que teve como consultores Rodrigo Pimentel, o deputado estadual Marcelo Freixo, e a delegacia comandada pelo delegado Cláudio Ferraz, foi realizado por quase dois anos antes de o roteiro de Mantovani e Padilha ganhar forma.

Seja pelas opções inéditas de venda de cotas do projeto diretamente a investidores privados. Seja pela distribuição e lançamento independentes do filme, sem intermediários e com o apoio da Globo Filmes, “*Tropa de Elite 2*” tem tudo para ser o precursor de uma nova forma do *se produzir e de se distribuir cinema* no Brasil.

Tamanho cuidado e originalidade só têm um objetivo: permitir que Nascimento, personagem que foi transformado em protagonista e narrador na sala de montagem de *Tropa 1*, viva na tela, de forma inusitada e com a maior credibilidade possível, um mergulho em descobertas nem sempre óbvias e simples. Onde o inimigo de outrora não será mais o mesmo. E sim outro, muito mais complexo. Em *Tropa 2* o principal arco dramático do filme, que no primeiro *Tropa* foi de Mathias (André Ramiro), será de Nascimento. Como o próprio Nascimento diz em *Tropa 2*, **agora é pessoal**.

direção - José Padilha

Então diretor do premiado documentário “*Ônibus 174*”, de 2002, José Padilha surpreendeu o mercado cinematográfico nacional e a imprensa ao lançar, em 2007, o maior fenômeno popular do cinema brasileiro desde a Retomada: “*Tropa de Elite*”. Visto em cópias piratas por mais de 11 milhões de brasileiros com mais de 16 anos antes de estrear nos cinemas (segundo pesquisas do DataFolha e do IBOPE), o longa catapultou Padilha à posição de um dos mais importantes realizadores brasileiros também na área da ficção. O caminho de polêmica e de prêmios de “*Ônibus 174*” se repetiu com ainda mais força no *Tropa de Elite*, que ganhou o Urso de Ouro em Berlim. Além de *Onibus 174*, *Tropa de Elite*, e *Tropa de Elite 2*, Padilha dirigiu também dois outros documentários: *Secrets of the Tribe* (2009), que abriu este ano em Sundance; e *Garapa* (2009), que abriu ano passado em Berlin. Todos os filmes ganharam inúmeros prêmios nacionais e internacionais.

“De certa maneira, *Onibus 174* e *Tropa de Elite* tem a mesma premissa: tentam mostrar como o Estado contribui para a violência urbana administrando muito mal as instituições que deveriam coibi-la, como o sistema prisional, os educandários para pequenos criminosos, e as polícias. *Tropa de Elite 2* retoma este mesmo tema, mas agora em um ponto mais perto das instâncias decisórias, mais perto da política. Em *Tropa 2*, eu não tentei produzir puro entretenimento. Tentei abordar um tema que me é caro. Sem sair de dentro da trama, sem tirar o olho do espectador da ação. Sem pausas para reflexão. Tentei fazer um cinema que não faz inferências morais pelo espectador, que não lhe diz o que pensar e quando pensar, que não contém pausas deliberadamente construídas para isto. Tentei fazer um cinema que comenta a violência urbana através da sua dramaturgia, e não por meio de metáforas ou de discursos intelectualizados. Não acho que este seja o melhor cinema, o único cinema possível. Acho apenas que é o cinema adequado para o roteiro que escrevemos, e cujo objetivo foi o de gerar uma uma



inquietação no espectador, de lhe proporcionar uma experiência que se transforma em reflexão após o filme, e não necessariamente durante a sua projeção”.

produtor - marcos prado

Recriar em estúdio Bangu 1, ocupar todo andar de um importante edifício no Centro para transformá-lo em locação, filmar em quatro favelas diferentes, na Assembléia Legislativa, no BOPE... realizar ousadas tomadas aéreas, orquestrar mais de 300 figurantes e uma equipe de cerca de 180 pessoas, equacionar as demandas de um rigoroso time de efeitos especiais estrangeiro com as de um set normal... são algumas pistas da grandiosidade de produção de *Tropa 2*. À frente desse megaesforço, Marcos Prado, diretor premiado de *“Estamira”* (2004). *“Eu e Leo (Leonardo Edde, produtor executivo) não negociávamos detalhes, tomávamos decisões cruciais, como delimitar o número de câmeras e helicópteros. Viámos o todo e decidíamos no que influenciaria no geral. As dificuldades são sempre imensas. O melhor é quando se tem sorte, suor e equipe. Uma engrenagem que funciona”*, diz.

Tropa 2 consumiu 12 semanas de filmagem entre janeiro e abril de 2010. *“Graças ao planejamento fomos bem. Mas houve benção também. Conseguimos dias seguidos de seca. Havia muitas locações externas, eventos gigantes que precisavam ter continuidade. Só no fim tivemos aquelas chuvas torrenciais, que inundaram o Rio. Mas se elas tivessem acontecido no começo teríamos falido. A equipe estrangeira de efeito especial chegou três meses antes e passou um mês e meio filmando. Se precisássemos interromper as filmagens neste primeiro momento seria muito difícil cobrir os custos devido aos altos cachês”*, diz.

Para Prado, o maior desafio em produzir *“Tropa de Elite 2”* depois do sucesso de público e mídia do primeiro foi não pensar só comercialmente. *“O namoro da minissérie com as emissoras era promissor. Mas achamos que havia muitos conteúdos a serem explorados ainda. Adiamos a minissérie e partimos para um outro filme. Outro desafio foi arquitetar financeiramente e matematicamente um filme para que nós mesmos o distribuíssemos. Além de perdermos o artigo 3 (artigo disponível para o incentivo das ‘majors’, que entram no projeto com o direito de distribuição do filme), precisávamos carregar todos os custos de lançamento. Abrimos pequenas cotas privadas e investimos dinheiro forte para conseguirmos deter o maior percentual do filme”*, explica.

A estratégia faz de *Tropa 2* uma espécie de laboratório de uma nova forma de se fazer cinema no país. A iniciativa lembra o pioneirismo de Carla Camurati com *Carlota Joaquina*, que optando por distribuir seu próprio filme conseguiu, em 2005, em plena falência das estruturas de apoio à cultura no país, levar cerca de 1,2 milhões aos cinemas. *“Carla é nossa musa inspiradora. Nossa estimativa de público é de que, no mínimo, empataremos os recursos de produção. Tropa 2 custou quase R\$ 15 milhões, mais o lançamento previsto em R\$ 4 milhões”*, diz.

“Tropa 2 é o filme brasileiro mais independente dos últimos anos”, afirma Prado. Tem entre seus acionistas, exibidores, distribuidores, profissionais de cinema e pessoas físicas, *“que vislumbraram um mercado e uma forma de apoiar um trabalho de arte”* e incorporou recentemente a Globo Filmes como coprodutora. *“Só a reconstrução de Bangu 1 consumiu 15 % do orçamento. O trilho suspenso de luz podia fazer sombras perpendiculares, simulando fim de tarde, amanhecer”*, diz.

Cercado de segurança contra a pirataria, *“Tropa de Elite 2”* chegará ao mercado de forma inédita, garante Prado. *“A pirataria foi um grande mal. Tomamos todos os cuidados possíveis dessa vez. Na época, contratamos IBOPE e DataFolha três meses antes do lançamento e pelo menos 30% dos cerca de 11 milhões que já tinham assistido ao filme em cópia pirata afirmaram que iriam às salas de cinema. O filme fez 2,5 milhões no cinema. Processamos a casa de legendagem de onde saiu a cópia e pedimos indenização. Mas o estrago foi irreversível”*, diz.



Ao comparar os esforços de produção de *Tropa 1* e *Tropa 2*, Prado identifica algumas vantagens no segundo. *“Em Tropa 1 tivemos um baile funk com 800 pessoas. Dessa vez, tivemos policiais de todos os cantos participando de Tropa 2 como figurante. Veio policial até de Portugal. Dois do Mato Grosso, um de Roraima, e isso foi muito bom porque estes já eram treinados. Isso mostra que existe vocação, pessoas sérias na polícia. Uma pesquisa apontou que só 40% dos policiais se corrompem. O filme para eles é uma referência. Eles sabiam fazer a formação, fizeram em um dia a ocupação do Dona Marta. Foi tudo muito organizado e rápido”*, diz.

Assim como José Padilha, Marcos Prado vem da escola do documentário. Começou no cinema produzindo *“Os carvoeiros”* (1999), para o inglês Nigel Noble. Em 2002, iniciou a parceria com Padilha ao produzir *“Ônibus 174”* e em 2003 dirigiu, com o sócio na Zazen Produções, *“Brazil’s Vanishing Cowboy”* para a TV americana. A produção de *“Secrets of the Tribe”* (2009) foi o último trabalho dos dois. Buscar o real na ficção é um dos esforços da dupla. *“Gostamos de tempo para aprofundar e levantar os eventos envolvidos e de ter consultores que fazem parte do processo. Marcelo Freixo (deputado estadual, presidente da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos da Alerj e professor de História) foi uma fonte inspiradora. Único que teve coragem de instaurar a CPI da milícia no Rio (que investiga o envolvimento de parlamentares com grupos paramilitares), de identificar a escalada da milícia ao poder político. Junto com o Rodrigo Pimentel, foi quem nos ajudou a definir o argumento. Depois de um ano e meio ou dois saiu o primeiro tratamento do roteiro. O objetivo é aproximar as intenções, sem aprisionar. É muito difícil fazer um filme de ação com conteúdo. Desmistificar o ‘status’ da polícia. Tropa 2 tem a mesma coisa, tem camadas mais psicológicas, uma reviravolta na curva do Nascimento e uma dimensão mais política”*, diz.

wagner moura (nascimento e coprodutor)

O capitão Nascimento envelheceu, ganhou maturidade e novos questionamentos. Sua atuação no primeiro *“Tropa”* foi tão poderosa que fez com que José Padilha, Bráulio Mantovani e Daniel Rezende mudassem na mesa de edição o mote do filme. De personagem secundário, narrador, Nascimento virou protagonista e preencheu um espaço incalculável no imaginário coletivo. O ator de *“Deus é Brasileiro”* (2003), *“Carandiru”* (2003), *“O Homem do Ano”* (2003), *“O Caminho das Nuvens”* (2003), *“A Máquina”* (2005), *“Cidade Baixa”* (2005), *“Saneamento Básico”* (2007) e *Romance* (2009), volta a encarnar Nascimento, desta vez também como coprodutor do filme.

ELENCO

irandhir santos (fraga)

Só em 2009, Irandhir Santos marcou presença em três grandes produções: *“Besouro”*, de João Daniel Tikhomiroff; *“Viajo porque preciso, volto porque te amo”*, de Karim Ainouz e Marcelo Gomes; e *“Olhos Azuis”*, José Joffily. Em *“Tropa de Elite 2”*, o Quaderma da minissérie *A “Pedra do Reino”* (2007/Luiz Fernando Carvalho) ou Maninho de *“Baixio das Bestas”* (2006/Cláudio Assis) chega assumindo outro grande papel. No início do filme, seu personagem é o antagonista do agora Coronel Nascimento. É Fraga que assume, ao lado de Nascimento, as falas mais importantes do longa. Com formação em teatro, Irandhir é considerado hoje uma das grandes



revelações vindas de Pernambuco. Para quem nunca tinha entrado numa comunidade do Rio, viver nas telas um professor, coordenador de ONG, envolvido com a defesa dos Direitos Humanos, foi um desafio.

pedro van held (rafael)

“Ruim foi quando terminou. Se despedir de todo mundo... dá saudade. E no meu caso foi pior. Me separei de um pai e de uma mãe.”

A declaração de Pedro Van Held traduz um pouco a dimensão do que significou para ele fazer o Rafael, filho de Nascimento e Rosane, em *“Tropa 2”*. Agora no ar na TV Globo em *“Malhação”*, Pedro começa a trilhar um novo caminho profissional. Sua primeira experiência como ator foi já no cinema, numa grande e esperada produção nacional, e contracenando com um elenco de peso, que tinha, entre outros, Wagner Moura (Nascimento) e Maria Ribeiro (Rosane).

“Foram muitos conselhos, toques. A Maria foi quase uma mãe de verdade. Tinha muito carinho por mim. Me sentia como um filho dela mesmo. No início a via pouco, porque estava grávida. Mas depois...”, diz.

Já a proximidade com Moura foi mais trabalhada. Principalmente durante seis meses de treinamento de *jiu-jitsu*, com o premiado Rickson Gracie. *“Nossa intimidade com o jiu-jitsu foi o principal. Ele já lutava e eu também. Teve um dia que eu o derrubei e a cena era o contrário. Ele que me derrubava. Perguntei: você deixou ou eu consegui? E ele disse: você conseguiu”*, conta feliz.

A cena, segundo Pedro, mostra o filho querendo provar ao pai que também é forte, mesmo sendo este muito melhor do que ele. *“O pai é um Coronel e o filho está aprendendo ainda”*, explica. A relação com Moura, para ele, também começou assim *“como uma coisa de respeito, mas depois fomos nos aproximando”*. A dependência pai/filho se espelhava na dificuldade de contracenar com um ator consagrado. *“Atuar com o Moura já trazia para ele uma expectativa muito grande, era preciso que ele o visse como um parceiro”*, afirma Fátima Toledo, responsável pela preparação dos atores.

“Rafael é um garoto dividido entre a tranquilidade e a necessidade de mostrar ao pai que ele também é um Nascimento”, afirma Pedro. E completa: *“Depois do ‘Tropa’, vejo a minha própria família com outro olhar. Vi como é difícil a aproximação entre um pai durão e um filho. Meu pai gosta de mim, mas talvez não saiba se chegar, demonstrar. Isso parece comum. Acho que amadureci”*, diz.

Para viver Rafael, Pedro se preparou de novembro ao fim de janeiro. *“Além dos ensaios, fiz muito exercício em casa para manter o foco”*, diz. Sua escolha para o papel, indicado pela agência Army, foi uma grata surpresa. *“Eles enviaram vários meninos para o teste. Fui na última leva, porque só tinha trabalhado como modelo e em comerciais. Quando me ligaram tarde da noite para me chamar para os ensaios, nem dormi mais”*, conta.

Pedro não se intimidou nem com o tema da milícia. *“Morei perto de Rio das Pedras (um dos locais que serviram de locação ao filme). Às vezes, ia lá comprar coisas mais baratas. Tinha uma certa noção, mas não podia imaginar que a milícia pudesse ser, às vezes, pior do que o tráfico. Eles decidem até em quem o morador tem que votar”*, diz.

Aos 16 anos, Pedro não sabe afirmar se é um adolescente típico, rebelde por natureza. *“O Rafael, sim, é radical. Do tipo: eu sou eu e ninguém vai me mudar. Se estressa fácil”*, diz. Pedro, ao contrário, parece aberto às mudanças. A única coisa que sabe é que quer continuar: *“atuar, estudar, apreender”*.

andré ramiro (mathias)

“Talvez, o Mathias agora esteja mais sozinho do que nunca. O trabalho com a Fátima (Toledo) foi para encontrar esse ponto. Que ele estaria só e não teria ajuda de ninguém. O senso de honestidade dele está ainda mais intenso. Se antes, o arco dramático estava com ele, dividido entre a faculdade e o mundo policial, agora ele sabe o que quer e está ainda mais oficial. Mathias e Nascimento têm uma relação um pouco diferente. No primeiro, Mathias aprende como ser Nascimento. Nesse, Mathias é mais amigo. E vai abrir os olhos dele. Se ele tem uma função, é esta. Está ali para isso”, resume André Ramiro sobre seu personagem em Tropa de Elite 2.

“Fazer Tropa de Elite 2 e voltar a trabalhar com o Padilha, que sabe muito bem o que quer no set de cada um, mas que ao mesmo tempo deixa todos à vontade, foi um reencontro maravilhoso”, afirma. Segundo Ramiro, o rigor detalhista na caracterização da realidade está ainda mais forte em Tropa 2. “A réplica que fizeram da penitenciária de Bangu ficou perfeita. A gente sabia que estava dentro do estúdio, mas até o cheiro lembrava o do cárcere”, lembra.

Em setembro, Ramiro, que é MC, lança o CD *Crônicas de um rimador*, com composições suas. Contratado da Record, com atuações em *Última parada, 174* (2008), de Bruno Barreto, *Patas Arriba* (2010), do venezuelano Alejandro Wiedemann, e nos seriados *Casos e Acasos* (TV Globo) e *A lei do crime* (Record), esse carioca de Vila Kennedy tirado das bilheterias de um cinema da Zona Sul direto para as telas, com *Tropa de Elite*, não quer outra vida que não seja perto do cinema e da música.

“O público vai se tocar muito com o Mathias nesse filme. Aguardem”, avisa.

tainá muller (clara)

Trabalhar em *Tropa de Elite 2*, segundo Tainá Müller, *“foi algo novo”*. Formada em jornalismo pela PUC-RS, foi coordenadora do núcleo de jornalismo, editora e apresentadora da afiliada gaúcha da MTV Brasil e assistente de direção e montagem de especiais para a Rede Globo, produzidos pela Casa de Cinema de Porto Alegre. Depois de uma breve carreira de modelo que a levou a morar na Ásia, se mudou para São Paulo e decidiu pela carreira de atriz. Na TV, atuou em *Uma Rosa Com Amor* (SBT), *Revelação* (SBT) e *Eterna Magia* (TV Globo). No cinema, fez *Se Nada Mais Der Certo* (2008), de José Eduardo Belmonte; a coprodução internacional *Plastic City* (2008), de Nelson Yu Lik-wai; e *Cão Sem dono* (2007), de Beto Brant e Renato Ciasca. Mas nada, segundo ela, se compara à experiência de *Tropa 2*.

“Atuávamos num contexto de interpretação hiper-realista. Fumava há 12 anos e parei no dia em que fiz a cena mais difícil de toda a minha carreira. Repensei a vida ali. Foi como um renascimento”, diz.

Sua personagem, segundo Tainá, é *“uma jornalista sagaz, engajada, que tem uma visão romântica da profissão e precisa ser durona para subir favela e botar a vida em risco por uma boa matéria”*. *“O principal desafio foi buscar isso sem cair no estereótipo. Usei toda energia que me fez querer ser jornalista. A velha vontade de mudar o mundo, de comunicar algo e fazer a diferença. A voracidade com que ela quer a notícia é a mesma com que quero fazer bem uma cena. Atuar também é uma forma de comunicar. E é nesse ponto que a atriz e a jornalista se misturam”, explica.*

Do trabalho de preparação com Fátima Toledo, Tainá só tem elogios. *“Ela é muito talentosa, tem uma intuição impressionante. Percebe nossos mecanismos de defesa e enxerga por trás das máscaras que criamos, provocando uma espécie de ‘reorganização interna’ que facilita na hora de filmar. A preparação dela proporciona não uma construção e sim uma descoberta. Fui rompendo camadas até chegar à Clara e*

quando a encontrei foi muito emocionante. Nos ensaios enfrentei meus maiores medos e isso naturalmente acabou me transformando. O filme me devolveu diferente para a vida e só por isso já valeu”, diz.

Para Tainá, “‘Tropa 2’ vai abrir um debate ‘caindo de maduro’ sobre os mecanismo do crime organizado no Rio de Janeiro”. “Zé Padilha é um dos diretores mais talentosos de sua geração. Consegue falar de sua aldeia para o mundo com coragem e inteligência”, completa.

maria ribeiro (rosane)

Mãe de dois meninos - um de 5 meses e outro de 7 anos - Maria Ribeiro teve que se adiantar no tempo para viver a maternidade de um adolescente em *Tropa 2*. “A gente é mãe, mas não sabe direito como vai ser quando eles tiverem 15 anos. Foi um desafio. Tentei observar meus sobrinhos dessa idade. Como eram as relações deles com as mães. É diferente. A preocupação delas com o futuro deles é maior, tem menos gracinha”, diz.

Para viver Rosane, sua personagem em *Tropa de Elite* - agora às voltas com os problemas do filho adolescente - Maria Ribeiro precisou envelhecer na tela. Para uma atriz nova, que nunca representou um papel de mais idade, apesar do currículo - que inclui, além de *Tropa*, *Histórias de Amor Duram 90 Minutos* (2009), de Paulo Halm; *Carreiras* (2005) e *Separações* (2002), de Domingos Oliveira; *O Xangô de Baker Street* (2001), de Miguel Faria Jr; *Tolerância* (2000), de Carlos Gerbase; e *Orfeu* (1999), de Cacá Diegues -, se ver mais velha foi outra superação. “A princípio o Zé (Padilha) queria que eu pintasse o cabelo de branco. Argumentei que uma mulher de 44/45 anos, no Brasil, dificilmente deixa de pintar o cabelo, e ele concordou. Mesmo assim foi difícil me ver com rugas, a gente é vaidoso”, diz.

A alquimia da transmutação, segundo Fátima Toledo, que preparou o elenco, deu certo: “Ela segurou. Tem uma maternidade muito forte e é muito carinhosa”. A afetividade é corroborada por Pedro Van Held (Rafael), seu filho em *Tropa 2*: “Ela vivia abraçada comigo no set. Me sentia como seu filho mesmo”. Empatia recíproca: “Pedro é uma graça. Nunca tinha trabalhado como ator e já começava em ‘Tropa de Elite 2’. Queria que ele se sentisse acolhido. A relação da Rosane com o filho é muito amorosa. Queria que ele não se deslumbrasse, que fosse fazer curso de teatro, estudar. Temos uma certa responsabilidade quando trabalhamos com pessoas assim”, diz.

O peso de atuar na continuação de um filme que deu tão certo, segundo Maria, era uma dificuldade para todos. “Tentava não pensar que era ‘Tropa 2’. Não queria ficar contaminada pelo sucesso. E, sim, executar bem para ficar bom”, destaca, agradecida pelo papel. “Foi muito bom fazer uma mãe mais velha. Sempre gostei de criança e depois que fui mãe descobri que é a melhor coisa do mundo”, diz.

milhem cortaz (fábio)

“O Fábio agora está onde sempre quis. Sempre gostou de ser polícia. Sabia que não ia passar muito dali mesmo, não teve escolaridade. Ele tem essa malandragem que permeia o Rio, o jeitinho brasileiro de sobreviver. Mas o acho um cara superbom.” A frase dita por Milhem Cortaz resume a paixão que o ator nutre pelo personagem que o acompanha desde o primeiro *Tropa*. “Difícil é não cair na cilada de vê-lo só pelo lado mau. As pessoas podem lê-lo com humor, sem cair na dicotomia. Podem simpatizar com o cara. Aprendi muito no *Carandiru*, na época que fiz o filme. Os valores das pessoas são diferentes. Eles lá não têm visão de futuro. Se você der a eles uma camiseta e pedir em troca para eles esquartejarem uma pessoa, eles vão

lá e esquartejam. O que importa é retribuir o gesto”, diz, tentando talvez explicar a “lealdade” do comandante Fábio ao Coronel Nascimento e ao colega de farda Mathias, embora em lados opostos.

Ao fazer a defesa do seu personagem como ser humano idiossincrático, Milhem parece ter aproveitado bem as lições do método Fátima Toledo. *“O Milhem deu a alma nesta preparação”, confirma Fátima. “Mais interessante é meu momento de ensaio. É onde crio, experimento coisas, me vejo em ciladas, me exponho, me perco, onde posso corrigir. Gosto de construir. O fazer já tem um tom de despedida. O que a Fátima me traz é único”, afirma.*

Para o ator de São Paulo que já esteve em *Carandiru* (2003), de Hector Babenco; *Nina* (2004), de Heitor Dhalia; *Nossa Vida Não Cabe num Opala* (2008), Reinaldo Pinheiro; *Se nada mais der certo* (2008), José Eduardo Belmonte; *Plastic City* (2008), de Nelson Yu Lik-wai; *Lula, o Filho do Brasil* (2009), de Bruno Barreto; entre outros, trabalhar com José Padilha é sinônimo de liberdade para criar. *“Ele é incrível. Sabe sobre tudo. Tem muito claro a posição do seu personagem no todo. Mas em nenhum momento te bloqueia, te impede de construir em cima do que ele imagina ser a cena”, diz. As frases espirituosas ditas por seu personagem em Tropa de Elite, segundo ele, surgem de momentos assim. “Elas surgem na hora. Muitas vezes é o Padilha que solta uma. No fundo, tudo nasce da necessidade de contar uma história. Uma necessidade romântica, egóica, intelectual... É essa vontade que nos une. A história maravilhosa é aquela que prima pelo detalhe, o detalhe é o requinte, o requinte é artesanal, o artesanal é intimista, e o intimista aproxima as pessoas. As pessoas escolhidas pela Fátima e pelo Padilha estão ali porque podem chegar ali”, afirma.*

E completa: *“Fábio é meu Macunaíma, meu herói politicamente incorreto”.*

sandro rocha (russo)

Russo, personagem de Sandro Rocha em *“Tropa de Elite”*, ganhou projeção depois que sua frase - *“quem quer rir tem que fazer rir”* - ganhou repercussão. Sua aparição no primeiro filme é mínima. Ele é o encarregado da parte burocrática e administrativa do Batalhão e cobra propinas dos policiais para alterar escalas de plantão, férias... *“Fiz o teste para outro personagem, mas acabou que me escalaram para esse. O bordão veio do processo criativo, que tem um realismo muito forte. Você pode tirar a espontaneidade se fechar frases. As situações vão sendo provadas, corrigidas e reinventadas entre a equipe”, conta. Major e ligado à milícia em Tropa 2, Russo ganhará maior notoriedade agora. “O Fábio é o comandante do Batalhão, mas o Russo manda mais do que ele. Só vai a major quem tem faculdade, mas ele acaba subindo de patente por favorecimento. Russo não é de conversa, é sarcástico. O universo dele é de uma maldade muito fria”, conta.*

Sandro, começou há 14 anos na CAL e já esteve na TV Globo, na novela *Malhação* e ainda em *Cama de Gato, Força-Tarefa, Guerra e Paz* e *O Sistema*. Ele toca um projeto social de levar teatro e música para crianças, no bairro de Lins de Vasconcelos. *“Arte é uma coisa que transforma. Quando dava aula de teatro no Educo, no Méier, onde a condição sócio-econômica às vezes é boa, percebi que muitos alunos não tinham diálogo, carinho, dos pais. Se é assim num colégio particular, imagina numa comunidade? Aqui no Lins nunca chegou nada”, diz o ator nascido e criado no Lins, que até hoje mora lá.*

“Tropa de Elite entrou numa brecha social. Fui palhaço Ronald Mac Donald. Você não tem noção do que é se apresentar em Feira de Santana de Ronald. Você é o único que foi ali para fazer uma mágica. Quando eles encontram essa mínima referência, se apegam. Com Tropa foi assim”, afirma. “E ‘Tropa 2’ será um divisor de águas.”



seu jorge (beirada)

Músico e ator famoso desde Mané Galinha de *Cidade de Deus* (2002), de Fernando Meirelles, Seu Jorge é Beirada em *Tropa de Elite 2*. *“Uma liderança. Um distribuidor de droga. Um cara inteligente que sabe muito bem tudo que está acontecendo. Não é dono de boca. Sua história se construiu diferente da dos outros”*, resume.

Sua participação no filme é concentrada no Presídio Bangu 1, recriado em estúdio. *“Pessoas ligadas ao sistema carcerário, que nos deram consultoria, ficaram impressionadas como o presídio foi bem representado. Eram três núcleos ali, cada um com sete, oito pessoas. O do Beirada era o do Comando Vermelho. Todas as facções demarcadas com características distintas fortes. Do tipo de roupa aos códigos gestuais e de fala. Havia muito atrito corporal. Mas a cena do fogo foi uma das mais difíceis. Sensação de intensidade aliada à tensão para que ninguém se machucasse”*, conta.

Sobre Fátima Toledo, ele diz: *“A experiência que tive com ela em ‘Cidade de Deus’ não se esvaiu, ela me fez relembrar a situação humana. Para contar uma história desse nível você não pode julgar. Você tem que ir lá e viver. Se julgar, não consegue fazer bem. Mané Galinha e Beirada são personagens de um mesmo contexto social. São crônicas de uma situação”*.

Para o ex-vocalista do *Farofa Carioca* e expoente do disco *Samba esporte fino* (1999), os oito anos que o separaram de Mané Galinha não só o fizeram envelhecer. *“Fiquei mais consciente das possibilidades. Continuo fazendo arte. Hoje, com experiência mais larga. Um privilégio. Sou músico e ator. O que aqui não é muito comum. O mercado não exige esta aptidão”*, diz.

Depois de atuar em filmes nacionais como *Os Normais* (2001), de José Alvarenga Jr; e *Casa de Areia* (2005), de Andrucha Waddington; Seu Jorge vem trabalhando em produções estrangeiras, como *A Vida Marinha com Steve Zissou* (2004), de Wes Anderson; *Elipsis* (2006), do venezuelano Eduardo Arias-Nath; *The Escapist* (2008), do inglês Rupert Wyatt; e *Carmo, Hit the Road* (2008), do brasileiro, com carreira internacional, Murilo Pasta. Ele acredita que *Tropa 2* também terá repercussão no exterior. *“Estamos com boa visibilidade fora. O cinema vem aprimorando sua percepção estética desde ‘Cidade de Deus’ e tem levado nossos atores e técnicos a trabalharem mais no estrangeiro. ‘Tropa 2’ é investigativo, forte. Traz muito conteúdo. As pessoas lá fora têm muita curiosidade de saber como um povo de perfil tão feliz pode ao mesmo tempo ser assolado por tantos problemas sociais”*, diz.

equipe técnica

roteiro - bráulio mantovani

Bráulio Mantovani entrou em *Tropa de Elite* já com o primeiro tratamento do roteiro pronto, como consultor, *script doctor*, e acabou mudando o foco narrativo do filme na sala de montagem ao lado do diretor José Padilha e do editor Daniel Rezende. A ousadia realizada sem regravação de cena, apenas com *offs* reescritos, transformou um personagem secundário num dos protagonistas mais bem-sucedidos da história do cinema brasileiro. O feito, *“uma loucura, que beirava o impossível”*, como dizia na época, acabou fazendo de *Tropa 2* *“quase uma obrigação”*. *“Tropa era para o Mathias (André Ramiro), mas o Wagner (Moura) roubou o filme. O Nascimento*



era mais um narrador. Foi o Wagner que fez a gente descobri-lo. Agora sim, vamos explorar todas as contradições dele a fundo e levá-lo aos seus limites”, diz.

“Tropa 2 é um mergulho nas contradições do Nascimento. É a descida dele aos infernos”, completa.

Fora a “obrigação”, a ideia de trabalhar o problema das milícias, outro assunto nunca tocado no cinema, segundo Mantovani, foi um presente. “As milícias são fenômenos tão recentes que os personagens precisavam envelhecer para poder lidar com eles. Tivemos que atualizar o tempo para que isso pudesse ser cronologicamente crível”, explica. “Durante um ano mais ou menos, fizemos cinco versões diferentes do roteiro. Tentamos vários caminhos. Numa parceria muito próxima com o Padilha e onde muitos participaram: Daniel Rezende, Marcos Prado, Wagner Moura...”, diz.

Paulista, formado em Língua e Literatura Portuguesa e pós-graduado em Roteiro Cinematográfico pela Universidade de Madri, Mantovani começou como roteirista de longametragem já indicado ao Oscar®. *Cidade de Deus* (2003) foi fruto de uma parceria iniciada em sua estreia como roteirista no curta *Palace II* (2001), de Fernando Meirelles. Já a dobradinha com José Padilha começou quando Mantovani escrevia o roteiro para a versão ficcional do documentário *Ônibus 174* (2002) dele: *Última Parada 174* (2008), de Bruno Barreto. “O Zé (Padilha) foi um verdadeiro produtor criativo, me ajudou muito no roteiro”, diz. A sintonia evoluiu com *Tropa*. “Aprendi com o Bráulio que eu não sabia escrever. Achava que sabia, mas levava três meses fazendo um tratamento que o Bráulio faz, muito melhor, em duas semanas”, dizia Padilha, na época do lançamento do primeiro *Tropa*.

Em *Tropa 2*, essa proximidade, em especial com Padilha e Daniel Rezende, com quem trabalhou ainda em *Cidade de Deus* e *O ano em que meus pais saíram de férias* (2006), de Cao Hamburger, rendeu boas trocas. Mantovani participou durante três dias da montagem. “Só visito a montagem, detesto ‘set’, acho chato, já estive muito” - antes de assinar roteiros, Mantovani trabalhou como assistente de direção e câmera e escreveu para teatro - “sinto que não tenho como ajudar, interagir, ali. Já na montagem e nos ensaios, sim. Não participei dos ensaios de *Tropa 2* por impossibilidade de tempo. Mas nos ensaios dá para perceber o que funciona e o que não ainda dá tempo de alterar. E na montagem podemos mudar até o foco narrativo (ri).”

Apontado como um dos melhores construtores de diálogos hoje no ofício do roteiro no país, Mantovani desconversa. “Quase todas as frases de *Tropa* que viraram bordões saíram dos ensaios, da interação com o pessoal do BOPE. O que faz uma fala ter repercussão é a maneira, o carisma, como o ator diz o texto”, afirma. Mas se contestado, ele acaba reconhecendo algum mérito seu: “Claro que cada cena tem que estar muito bem escrita, tudo muito bem encadeado, para que os improvisos, o carisma, as sintonias aconteçam.” Perguntado se costuma andar com caderninhos em busca de inspiração, responde: “Quando escuto coisas que gosto, guardo na memória e uso depois, mas não tenho o hábito de anotar frases de forma sistemática”. E afirma: “Eu não me levo muito a sério. É tudo rock’n roll (ri).”

direção de fotografia - Lula carvalho

Muito já se falou sobre o vigor da fotografia de Lula Carvalho em “*Tropa de Elite*”. “O trabalho dele no “*Tropa 1*” é irretocável, pois grande parte do vigor do filme decorre da fotografia e da câmera em particular”, diz o próprio José Padilha. E é esse mesmo vigor, que, segundo Lula, estará de volta em “*Tropa 2*”. “Não há mudança de linguagem estética. É a mesma proposta gramática evoluída. Continuam os planos sequências, as cenas aéreas... só que agora estas têm aproveitamento maior. Antes elas aconteciam do ponto de vista neutro do céu, nessas elas seguem o ponto de vista do Nascimento do helicóptero. A minigrua que usamos no “*Tropa 1*” é do mesmo tipo que usamos agora na cena do quartel, que se repete. Precisávamos mostrar o crescimento



do BOPE, mais policial. A diferença em relação ao primeiro longa talvez seja que “Tropa 2” tem menos noite e favela. Há mais internas, e temos o presídio”, diz.

Herdeiro direto de uma espécie de escola de câmera na mão do cinema brasileiro, que teve em Dib Lutfi um de seus maiores representantes, Lula volta em “Tropa 2” com seus alucinantes e envolventes movimentos de câmera. “Tropa 2 foi totalmente câmera na mão. Trabalhamos com uma Atom Penelope, câmeras leves de 35mm, que chegam a 20 quilos no máximo. Adoro fazer câmera. Tem muito da identidade do filme aí. Pablo Baião, com quem tenho muita sintonia - fizemos mais de 20 longas juntos, em dez anos, nas mais diversas posições - e que também foi câmera no primeiro filme, foi oficialmente o câmera 2 neste. Eram duas equipes de câmera, envolvendo 22 pessoas, com uma sempre à frente. Enquanto uma filmava, outra preparava ou desfazia o set. Isso economizava tempo e hora de locação”, conta. Ajudando na coordenação das equipes, Junior Malta, o ‘gaffer’. “Uma tradução para gaffer podia ser iluminador, mas não, o gaffer é muito mais que isso. Junior, outro companheiro de mais de dez filmes, me ajudou criativamente e na organização dessas equipes, de prever na frente”, diz.

Aos 32 anos, Lula já assinou a fotografia do argentino “Felicitas” (2009), “Beira do Caminho” (2010), de Breno Silveira, ainda inédito; “Secrets of the Tribe” (2009), também de Padilha; “Budapeste” (2009); “A Festa da Menina Morta” (2008); “Feliz Natal” (2008); “Meu Nome é Dindi” (2007); “Fabricando Tom Zé” (2006); “Moacir Arte Bruta” (2005); entre outros, e esteve como primeiro assistente de câmera ou operador em mais de 20 longas, entre eles “Cidade de Deus” (2002), “Carandiru” (2003), “Baixio das Bestas” (2006), “O céu de Suely” (2006), “Cinema, Aspirina e Urubus” (2005), “Crime Delicado” (2005), “Entreatos” (2004), “Olga” (2004), “Lavoura Arcaica” (2001), “Abril Despedaçado” (2001) e “Eu, tu, eles” (2000). Mas nada, segundo ele, supera a emoção de ter visto “Tropa” ganhar o Urso de Ouro em Berlim. “Ver o ‘Tropa’ ganhar o Urso de Ouro, em Berlim, aos 29 anos, foi marcante. Padilha é um divisor de águas, de grande complexidade e visibilidade, que acredita em jovens e tem habilidade de juntar pessoas convergentes. Ele me chamou para fazer um documentário, que até hoje não foi montado, sobre extração da madeira, e, no terceiro dia, me convidou para o “Tropa”. Ficamos muito amigos. É um cara pelo qual tenho a maior admiração. Foi um grande encontro na minha vida”, diz.

O encontro num documentário demonstra o grau de comprometimento que ambos têm com o gênero. “O Zé (José Padilha) tenta passar o maior realismo possível, quer que as pessoas acreditem que aquilo tem a maior gama de verdade possível. Nosso diálogo é bem entrosado. Ele permite certa improvisação, gosta de dar mais liberdade para o ator e isso exige um trabalho maior meu. Mas também tenho parentesco com o documentário. Com essa pegada viva do movimento, que acontece de forma inesperada como se não soubessemos para que lado ir. É uma liberdade visceral, colada na ação. Tentamos não marcar muito. Faço um ensaio meio morno. Quando a coisa acontece, ela passa o máximo de frescor. É a mistura do racional com o instintivo”, diz.

edição/montagem - daniel rezende

“A estética de Tropa 2 - presente na edição - espelha a idade, o momento, dos personagens”, diz Daniel Rezende. “Nosso maior medo era fazer mais duas horas do primeiro filme. Tropa 2 tem uma pegada diferente. O considero mais adulto. O primeiro tem uma energia visceral. Muito da descoberta. O segundo vai para os bastidores, para a política, sem perder a ação, a agilidade, a brutalidade do BOPE, o universo pop no qual Tropa está inserido. Mas tem menos música comprada. Tem menos off de narração. Mais tempo de silêncio. É tensão pura, tem cenas catárticas, mas dentro de um espírito mais maduro. Tropa 2 já nasce pop por natureza. Não precisa reforçar isso”, diz.



Desde que trocou videoclipes e comerciais para montar *Cidade de Deus* (2002), de Fernando Meirelles, e foi indicado ao Oscar® e premiado com o Bafta, o Oscar britânico, Rezende está associado às maiores produções nacionais e internacionais. Montou *Narradores de Javé* (2003), de Eliane Caffé; *Diários de Motocicleta* (2004) e *Água Negra* (2005), de Walter Salles - com quem começou no curta *Armas e Paz* (2002), deste e Daniela Thomas -; *O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias* (2006), de Cao Hamburger; *Blindness* (2008), de Meirelles; *As melhores coisas do mundo* (2010), de Lais Bodansky; *The Tree of Life* (2010), o novo de Terrence Malick ainda inédito por aqui; e está escalado para *Queen Kristina*, de Mika Kaurismäki, e *Janis Joplin*, também de Meirelles.

A extensa folha corrida só não ofusca a experiência única vivida em *Tropa de Elite* (2007): trocar na montagem, junto com o diretor José Padilha e o roteirista Bráulio Mantovani, o personagem principal do filme. “*O mais maluco é que mudamos a sinopse. Ao invés da história de um cara que entra na polícia por causa de um amigo, o filme virou o de um policial atrás de um substituto. Já tinha consertado pequenos problemas na edição, mas o que fizemos ali foi incrível*”, atesta. Ineditismo agora ampliado em *Tropa de Elite 2*.

O editor, contrariando cânones cinematográficos, participou de todas as filmagens de *Tropa 2*, como diretor de segunda unidade. “*Nunca tinha trabalhado assim. Só tinha ido em refilmagem já montando. Existe uma facção que diz que o montador nunca deve ir ao set, porque é bom manter o olhar fresco, mais próximo do espectador. Mas aprendi muito. Montador sempre se pergunta porque não filmaram isso ou aquilo. Para ele, parece óbvio, mas no set você entende porque aquilo que, às vezes, você mais precisa não foi feito. O Zé (Padilha) me chamou ainda na pré-produção. Pensamos juntos desde o início. E ganhamos em acerto e rapidez*”, diz.

Tropa 2 levou três meses e meio em edição, quando normalmente um filme desse porte leva cerca de sete, o dobro. “*O Zé fazia no papel onde estariam as câmeras, para saber se estávamos cobrindo tudo. Eu, às vezes, indicava um lugar para cortar, como num close. Temos muitos planos sequência, então ia assistindo ao ‘take’ rolando e já pensando que trecho poderia usar. O Renato Martins, montador associado, ia preparando o primeiro corte de cada cena, baseado na minha conversa com o Zé. Muitas vezes, depois da filmagem passava na ilha e direcionava o que ele tinha feito. Quando fui de fato editar, já tinha boa parte do trabalho feito*”, explica.

Sobre como resolveu na montagem as muitas idas e voltas no tempo do filme, Rezende responde: “*ele parece que vai e volta, mas não é tão assim*”. “*Atribuem sempre o mérito de ir e voltar no tempo, sem perda de ritmo ou entendimento, à montagem, mas se não funciona é porque no roteiro não estava bem construído*”, diz. O elogio endereçado ao roteirista Bráulio Mantovani, que participou três dias da montagem, exprime uma parceria sólida. “*Se pudesse só trabalhava com ele. O montador é o olho mais cru. Mas depois de estar ali na ilha há meses, ele vicia. Ter o Bráulio, que vem lá de trás, nessa hora, ajuda muito*”, diz.

preparação de elenco - fátima toledo

“*O mais difícil foi encontrar um tom diferente do BOPE e da PM para as milícias. Era um universo novo. Um ator que faz um miliciano não pode julgar, tem que entendê-lo enquanto homem*”, diz Fátima Toledo, a preparadora de elenco de nove entre dez longas nacionais. Seu método, utilizado também no primeiro *Tropa*, é único. “*Comecei com aquilo que eu sabia da minha formação como atriz: Stanislavski, Grotovski, Artaud... Aos poucos descobri que precisava chegar até os atores. Os meninos do Pixote*” - seu trabalho inicial, em 1979, com Hector Babenco, quando dava aulas na FEBEM - “*não sabiam ler. Tinha que chegar até eles e não fazer com que eles chegassem a mim. Precisava trazê-los para o filme*”, conta.

Seu trabalho começa no teste de elenco. *“Nas oficinas, na pré-preparação, já estou resolvendo coisas. Eu e Padilha nos entendemos na escolha dos atores. Ele me deixa tranquila para experimentar caminhos, o que é ótimo e só faz aumentar a responsabilidade”,* diz. Além das seis semanas de preparação, Fátima participou dos ensaios com o diretor e dos levantamentos de cena. *“Poucas pessoas são mais malucas do que eu, uma delas é a Fátima”,* admite Padilha. *“É uma maluquice boa, intuitiva, ela é uma espécie de bruxa.”*

O elenco foi dividido em núcleos: BOPE, PM, presídio, milícia... Mas *“cada ator é um caminho diferente”. “Ele não pode se esconder atrás do personagem. Nem trabalhar o roteiro em casa, só comigo. Às vezes, precisa encontrar coisas nem sempre agradáveis. Os experientes, preciso deixá-los limpos para quase pularem no abismo”,* explica. Segundo ela, a dificuldade de retrabalhar um personagem já vivido foi geral. *“Também senti dificuldade de ver o Tropa 2 independente. Levou um tempo para cair a ficha. Parecia que já conhecíamos aquele terreno, mas as relações precisavam ser recriadas. Depois que nos libertarmos do primeiro, conseguimos transformar”,* conta.

“Padilha e Marcos Prado são mais jovens do que eu, mas me fazem olhar para lados que eu não perceberia. Tropa 2 me fez presente, me fez olhar para o momento do agora, já”, afirma.

direção de arte - tiago marques teixeira

De cenotécnico em *“Tropa de Elite”*, Tiago Marques Teixeira foi alçado ao posto de diretor de arte em *“Tropa de Elite 2”*. Com mais de dez anos de experiência em set produzindo cenários e a assinatura da arte para as filmagens no Brasil e Uruguai de *“Blindness”* (2009), de Fernando Meirelles, Tiago teve como principal missão reconstruir Bangu 1. *“Padilha nunca tinha filmado em estúdio. Mesmo quando criamos no primeiro, partimos de uma estrutura física e a transformamos. Então, precisávamos convencê-lo de aquilo ficaria real”,* diz Tiago.

A reconstrução, que consumiu 15% de todo o orçamento do filme, segundo Tiago, deixou no ar até o cheiro do presídio. *“Bangu 1 tem quatro galerias, com 12 celas cada, seis de cada lado. Construímos duas galerias com cinco celas de cada lado - dez presos por galeria ao invés de 12 - mais os acessos, num estúdio de mil metros quadrados. O corredor que divide e liga uma cela a outra tem uma parte descoberta, onde os presos tomam banho de sol. Então, tínhamos que deixar espaço em cima para instalação de equipamentos capazes de criar luz natural. O preso não sai dali para nada. A sensação claustrofóbica é muito forte. Quem visitou o ‘set’ dizia que até o cheiro modorrento do presídio estava presente”,* conta.

Mas a opção de caracterizar um presídio sem referências visuais no imaginário coletivo não foi tarefa fácil. *“Quem nunca entrou num presídio muitas vezes constrói suas referências a partir das criações do próprio cinema. Carandiru e outros filmes com celas cheias, certamente, vêm à tona quando imaginamos uma cadeia. Não tínhamos nenhum filme realizado em Bangu 1, que tem 40 presos apenas, um por cela. Nem fotos. Achei na internet uma única imagem da rebelião - ocorrida em 2002, que durou 23 horas, teve participação do BOPE, fez oito pessoas como refém e acabou com a morte, incendiamento e esquadramento de quatro importantes líderes do tráfico no Rio - comandada por Fernandinho Beira-Mar, mostrando grades amarelas e todos vestidos de ninja. Sabíamos que não podíamos confundir Bangu 1 com outras representações de prisões, mas ao mesmo tempo não queríamos criar algo muito dissociado da memória que já existe sobre esse universo. Nossos personagens eram líderes. Não cortavam o cabelo, nem se vestiam como presos comuns. Convencer o Padilha, que preza o tom documental, de que muitas vezes reproduzir a realidade ‘ipsis litteris’ podia ficar inverossímil demais foi uma batalha. Argumentávamos muito. A realidade nem sempre pode ser transposta em toda sua crueza”,* diz.



A Secretaria de Segurança Pública também foi reconstruída onde existiu no passado, num andar do prédio do DETRAN da Avenida Presidente Vargas. *“Pegamos 550 metros quadrados de área útil e relocalizamos ali a Secretaria”, diz.* Para estabelecer diferenciações entre os diversos ambientes e as intenções dos personagens, a direção de arte também criou uma paleta de cores. *“Nascimento, um personagem mais sombrio, ficou com o cinza. Em oposição, o antagonista Irandhir ganhou mais cor. A milícia foi mais para o verde. A Secretaria de Segurança Pública, que era um ambiente mais clean, ficou com um tom azul neon”, conta.*

Outro desafio, segundo Teixeira, foi diferenciar visualmente favela de tráfico e de favela de milícia e traduzir símbolos correspondentes a atitudes muito peculiares de grupos representados no filme. *“Há códigos que só são entendidos por quem está diretamente ligado àquele universo. A milícia usa símbolos para identificar na comunidade quem está pagando e quem não está pela ‘segurança’. Umam pintam um trevo de quatro folhas na porta da casa, outras colocam um pinheiro... Nas repartições da Secretaria de Segurança do Rio há um triângulo, que muda de cor - vermelho, amarelo, verde... - de acordo com as características de cada setor. Tivemos a preocupação de reproduzir essas marcas. Poucas pessoas vão notar. Mas isso faz parte do esforço de imprimir na tela a realidade, e para quem for daquele universo, o entendimento se dará mais completo”, diz.*

O controle das milícias nas comunidades também está representado na arte do filme. *“Os romanos faziam pórticos, a milícia pinta meio-fio. Tenta dar uma organização entra aspas para dizer que com o comando deles as coisas melhoraram. A milícia cobra condomínio, coloca portão para controlar a entrada de pessoas, às vezes proíbe o brinco, fixa tamanho para shorts... Tudo isso foi pesquisado e incorporado para transpor com mais fidelidade o real”, diz.*

Segundo Tiago, a principal diferença entre os dois *“Tropas”* é de escala. *“Houve um aumento de tamanho e de melhoria do BOPE, com a passagem de tempo. E a grande questão foi: Como a arte poderia mostrar essa mudança?”*, diz. E o próprio BOPE acabou adaptando seus símbolos a partir de identificações criadas no primeiro *Tropa*. *“Tropa virou uma coqueluche. As variações que fizemos das marcas originais do BOPE acabaram incorporadas por eles, como o desenho da caveira, ou a limitação de cores”, explica.* *“A opinião comum era de que o Tropa 2 tinha que ter algo a mais. Isso fez dele mais maduro. O primeiro era mais pop, com uma avalanche de novidades, porque ali se procurava uma identidade, agora já sabíamos melhor onde estávamos pisando”, completa.*

figurino - cláudia kopke

“Se o figurino chamar atenção é porque não fizemos um bom trabalho”. A máxima dita por Cláudia Kopke reflete a preocupação de todo trabalho de arte em *“Tropa de Elite 2”*: *“chegar o mais próximo do real com verossimilhança”.* Figurinista de *“Eu, tu, eles”* (2000), *“O Homem do Ano”* (2003), *“Cazuza”* (2004), *“Dois filhos de Francisco”* (2005), *“Casa de Areia”* (2005), *“O Bem Amado”* (2010), Cláudia, como quase toda equipe, também esteve no primeiro *“Tropa”* e é uma das responsáveis pelo padrão de excelência na cópia dos uniformes e símbolos do BOPE. *“Criamos variações para não termos problemas, mas garantimos a identidade. O símbolo do BOPE tem garruchas mais arredondadas, as nossas são mais quadradas e a faca fica enfiada de baixo para cima. Para os uniformes usamos o mesmo fornecedor da corporação. E o tecido, cerca de 600 metros, recebemos como apoio de uma fábrica de Minas Gerais, a Cedro. Como o BOPE melhorou de vida com o passar dos anos, tivemos que refletir isso nas roupas. Trocamos o brim do Tropa 1 por um tecido ripstop, mais moderno, resistente e impermeável. O máximo que a gente teve de figurantes juntos foram uns 130, mas como precisávamos ter margem de troca, fizemos uns 300 uniformes do BOPE. A bota compramos no Sul, que é mais barato”, diz.*

Filmar em Ramos, em pleno verão, num calor insano, com uniformes pretos do BOPE, não deve ter sido tarefa



muito agradável. Mas Cláudia brinca quando perguntada sobre possíveis reclamações do elenco: “*Imagina se alguém que passa pela Fátima Toledo vai chiar de roupinha?*” (ri). Embora a aparência dos uniformes seja idêntica a dos originais, os do filme não são nem pesados, nem quentes como os do BOPE. “*Nosso colete à prova de bala é de borracha leve, a munição de mentira...*”, explica.

Um dos trabalhos mais demorados foi o de envelhecimento das roupas. “*Usamos uma lavadeira mais barata de Campo Grande para estonar (bater a roupa na pedra para desgastar). No galpão trabalhavam dez pessoas. Tinha horas em que eu pensava: Isso é uma equipe de figurino ou uma empresa? O processo manual de passar lixa, amarelar cadarço de sapato, ainda fizemos um pouco. Mas não dá para envelhecer 300 fardas na mão. Tínhamos tubo de blush para embraquiçar, simular mofo. Mas para emergências. Essa tecnologia é cara. Mandamos vir um bocado dessas coisas de Los Angeles, mas não dava para gastar a rodo*”, conta.

Um dos trunfos do figurino, segundo Cláudia, foi ter contado com figurantes disciplinados. “*Macos Durval, da CATI - empresa especializada em ‘casting’ - recrutou gente até de Roraima. Eles vinham fazer figuração com maior orgulho. E isso nos ajudou, pois todos eram muito organizados na hora de guardar as roupas. O que ajudou na economia da lavagem de roupa*”, diz.

Cada núcleo do filme teve um trabalho de figurino específico. “*Tinha favela, tropa da PM, dois BOPEs em épocas diferentes, uniforme de diversas patentes, galera de faculdade, milicianos. Um desafio interessante foi o de vestir o pessoal do presídio. Lá em Bangu ou tinha roupa verde ou bermuda tipo jeans com camisa branca, mas os que mandavam mais usavam camisas da Nike, Adidas... E não podíamos usar marcas. Além disso, o pessoal dos efeitos me levava à loucura (ri). Pediam tudo com muita antecedência. As camisas que iam sujar de sangue precisavam ter entretela, com forro, para esconder as bolsas com tinta. No branco isso era uma dificuldade a mais para não aparecer. E para cada um que ia sujar a camisa de sangue fazíamos logo umas dez, pois dificilmente cenas de efeito têm apenas um ‘take’*”, diz Cláudia.

Num filme predominante de homens, as mulheres também não podiam sobressair. “*Tínhamos duas ou três só. A Rosane (Maria Ribeiro) mudou de vida mas não podíamos enfeitá-la demais porque se não destoaria*”, diz. Fora isso, na cena da Assembléia Legislativa, Cláudia precisou vestir cerca de 100 figurantes. “*Não tínhamos como fazer muita prova. As roupas precisavam caber. Então, precisávamos de muitas variações de tamanho. Imagina fazer bainha em 100 ternos no set?*”, se apavora. Cláudia só se recente da falta de diversidade de material disponível no mercado para o seu trabalho. “*No Rio, você tem pouca opção. Não há diferença de tonalidade, estampa. Se roxo estiver na moda, você poderá encontrar boa oferta. Mas de modo geral, os estoques são muito pequenos*”, diz.

maquiagem - martin trujillo

O premiado mexicano Martin Trujillo, responsável pelos efeitos de maquiagem também do primeiro “Tropa de Elite”, produziu corpos carbonizados, pernas postiças e cabeças de silicone para “Tropa de Elite 2” e precisou de um cuidado dobrado para envelhecer jovens atores como Wagner Moura e Maria Ribeiro, sem cair em estereótipos ou caracterizações exageradas. “*O trabalho de envelhecimento dos atores foi sutil. O Wagner ganhou peso para o filme, coloquei alguns cabelos brancos nele e usei maquiagem. Mas nada que chame a atenção do espectador. Se chamar está errado. Não usei latex, por exemplo. Como tinha muitas cenas de ação, os atores suariam muito. Uma coisa importante é não atrapalhar o trabalho do ator. Um ator mal maquiado, não rende a mesma coisa. Desconcentra. Perde a confiança*”, explica.

Trujillo, que começou a trabalhar no cinema brasileiro, em 1997, fazendo cabeças de silicone para representar decapitados em “Guerra de Canudos”, de Sérgio Rezende, tem mais de 40 longas nacionais no seu currículo. Tantos que, na última entrega do Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, quatro das cinco indicações para o



Oscar Nacional de maquiagem eram suas e ele venceu por “Besouro”. O esmero com o detalhe e a obsessão perfeccionista de Trujillo viraram marca registrada de seu trabalho. “O estilo do Padilha é o documental. Imagina colocar dois bonecos no lugar dos corpos carbonizados? Podia comprometer o filme inteiro. As pessoas iriam rir. Sabia que tinha nas mãos uma parcela muito grande de responsabilidade pela veracidade da cena. Junto com os americanos dos efeitos especiais, veio um especialista em moldes e decidimos fazer crânios em poliuretano, como se fosse pele carbonizada. Nas cenas com pedaços de corpos, precisávamos de um aspecto naturalista. Fiz uma prótese também para a perna que aparecia para fora do cobertor onde os presos iam tocar fogo. Foi um trabalho de escultor, maquiando, pintando, passando látex, usando resina para os ossos. Muitas vezes o diretor mesmo diz: Não precisa tanto, vou filmar a um quilômetro de distância. Ignoro. Antes de satisfazer a necessidade de um diretor, tenho que ficar feliz com o que estou fazendo. Se não estiver gostando e o diretor sim, refaço tudo do mesmo jeito”, diz.

Sobre a experiência em “Tropa de Elite”, Trujillo afirma: “Foi diferente e muito forte. Me mostrou um outro lado do Brasil. Uma das coisas mais fantásticas é que ao fazer cinema descubro a cultura e a história brasileira. Fiz filmes em favela, no sertão, mas ‘Tropa de Elite’ me colocou de frente para uma violência que não conhecia. Tropa 2 tem mais mais efeitos de maquiagem. E produção de corpos humanos completamente carbonizados”, diz.

Perguntado se há carência de profissionais de efeitos no Brasil, Trujillo é categórico: “Acho importante comentar que esta falta de técnica existe por falta de trabalho. Existem profissionais parados, que não se reciclam, porque as produções nacionais não exigem este perfil. E se capacitar nessa área é caro. Só o material que se gasta para treinar... Comecei aprendendo com o americano Thomas Burma, primeiro maquiador do ‘Planeta dos Macacos’ e trabalhando na TV mexicana Televisa. Aos poucos fui formando um estilo e criando soluções próprias de adaptações para dispensar grandes importações de material”, diz.

Em “Tropa 2”, o maquiador de “Casa de Areia”, “Salve Geral”, “Deus é Brasileiro”, entre outros, não só trabalhou muito, como correu riscos. “Como tinha que trabalhar nos poucos intervalos das filmagens, ficava com os corpos carbonizados, que criava, no porta-mala do carro. Ia com eles para lá e para cá, rezando para não ser parado numa blitz policial. Já pensou? Ia ser preso”, ri, atestando a verossimilhança do material que produziu.

efeitos especiais - bruno van zeebroeck, keith woulard, rene diamante e wil liam boggs

A equipe de efeitos especiais de “Tropa de Elite 2” foi toda importada de Hollywood. “Cada país tem o seu ‘know how’. Falando de cinema, e se tratando de filme de ação a referência são os americanos. Qualquer país que não tenha em sua cultura a produção de filmes de ação, quando forem fazê-los vão contratar técnicos americanos. É normal. No Brasil, não dominamos essas técnicas, estamos aprendendo. Para o Tropa 2 achei necessário trazer técnicos americanos, tanto no controle de explosivos, tiros, como na preparação de dublês. Repeti, quase toda a equipe do primeiro filme”, diz José Padilha. Assim como em “Tropa 1”, a equipe americana trabalhou em parceria com a produção brasileira para dar maior veracidade e credibilidade às cenas, que envolviam carros, explosões, incêndios, tiros...

A opção por trazer uma equipe de efeitos especiais de fora pode ter contribuído para a formação de uma linha de trabalho ainda mais rigorosa no gênero de ação, no país. “O Brasil tem técnicos e equipamentos. Muitos daqui trabalharam com os estrangeiros que trouxemos. Mas precisávamos de muita expertise para realizações num curto espaço de tempo. Trabalhamos com explosivos de grande alcance, com detonadores individuais e coletivos. Preparar o set para esses efeitos leva muito tempo. Então, só podíamos rodar dois ou três



'takes' destes por dia. Não sei se incentivamos um aprendizado ao fazer uma coisa híbrida. Acredito que aqueles que trabalharam como assessores destes profissionais de Hollywood aprenderam bastante e vão poder prover e servir, aperfeiçoando o que já existe. O cuidado, que tivemos, está impresso na tela”, diz Marcos Prado, produtor do filme.

Entre os estrangeiros, participaram dos efeitos Bruno Van Zeebroek (“Transformers”, “Inimigos Públicos”, “Dias Incríveis” e “O Reino”), William Boggs (“Milk – A Voz da Igualdade”, “Inimigos Públicos” e “Homem-aranha”), Rene Diamante (“Che Guevara” e “American Pie 4”) e Keith Woulard (“O Curioso Caso de Benjamin Button”, “Independence Day” e “Forrest Gump”).

“Nossa intenção foi dar o maior realismo possível às cenas de ação. Não queríamos que nada parecesse irreal. Assim como buscamos os melhores profissionais de efeitos especiais do mercado, optamos também por preparar nossos atores com a equipe do CATI, que já prestou consultoria de segurança para a guarda do Vaticano, NASA e a tropa de elite dos Estados Unidos, a SWAT”, afirma Marcos Prado, produtor do filme.

zazen produções

A Zazen Produções Audiovisuais, de José Padilha e Marcos Prado, vai lançar *Tropa de Elite 2*. Para coordenar o lançamento e a distribuição de “*Tropa 2*”, a Zazen Produções trouxe Marco Aurélio Marcondes, profissional com mais de 30 anos de experiência em distribuição, com passagens pela GloboFilmes, MovieMobz, EuropaFilmes, MAMarcondes e Embrafilme. Ao lado dele, James D’Arcy, Diretor de Comercialização da Zazen, que atuou no lançamento de filmes como *Tropa de Elite 1*, *Garapa*, *Estamira*, entre outros. A previsão é de que o filme entre em cartaz em cerca de 600 salas de cinema do país. Sobre a possibilidade de pré-venda do filme para o exterior, Marcos Prado diz: *“Desde os primórdios temos a advogada Sue Bodine trabalhando como representante da Zazen. Vamos mostrá-lo em festivais e assim medir a temperatura da receptividade lá fora. Sem pressa, sem agonia. Sabemos do potencial fora, mas todos nossos sócios, que colocaram dinheiro bom, acreditam que o melhor é fazer primeiro o dever de casa bem.”*

globo filmes

Desde 1998, quando foi criada, a Globo Filmes produziu e/ou coproduziu mais de 90 filmes, levando para as salas de exibição mais de 90 milhões de pessoas. Com a missão de contribuir para o fortalecimento da indústria audiovisual nacional, apostando em obras de qualidade e valorizando a cultura brasileira, a produtora participou dos dez maiores sucessos de bilheteria da retomada: *Se Eu Fosse Você 2*, o primeiro da lista, com um público de mais de 6 milhões, *2 Filhos de Francisco*, *Carandiru*, *Se Eu Fosse Você*, *Chico Xavier*, *Cidade de Deus* – com quatro indicações ao Oscar –, *Lisbela e o Prisioneiro*, *Cazuza – O Tempo Não Pára*, *Olga* e *Os Normais*. Todos ultrapassaram a marca de 3 milhões de espectadores.

A Globo Filmes também tem por objetivo promover a sinergia entre o cinema e a televisão, sempre atenta ao reconhecido padrão Globo de qualidade. Sua filmografia contempla vários gêneros, como comédias, infantis, romances, dramas e aventuras. Suas atividades se baseiam nas parcerias com produtores independentes e distribuidores nacionais e internacionais, em uma associação de excelência para levar ao público o que há de melhor no cinema brasileiro.

TROPA DE ELITE 2



O inimigo agora é outro.

imprensa

Belém Com - Tel.: (21) 3826-2490

João Paulo Beltrão (joao@belemcom.com.br)

Cláudia Belém (belem@belemcom.com.br)

Katia Carneiro (Kátia@belemcom.com.br)

Para download de imagens: www.belemcom.com.br/bancomultimedia